

## Cláudia Tem Nome: Assassinato e racismo, Duas “Mortes” enquanto acontecimento midiático <sup>1</sup>

Diomar Wilson Muxfeldt Júnior<sup>2</sup>  
Fernanda Cortezi Oliveira<sup>3</sup>  
José Pedro Marques Viana<sup>4</sup>  
Tháisa Christiny Da Silva Santos<sup>5</sup>  
Pedro Pinto de Oliveira<sup>6</sup>  
Universidade Federal de Mato Grosso

### Resumo

A democratização da internet tem possibilitado aos usuários o desenvolvimento do ciberativismo. Essa ação, situando, portanto, a mídia como “lugar” de embates dos grupos sociais, foi articulada nas redes sociais twitter e facebook, no acontecimento que recortamos como objeto de estudo. A cena urbana no Rio de Janeiro: Cláudia, baleada num confronto policial, foi arrastada ao ser socorrida. A vítima foi “**desumanificada**” quando noticiada apenas como “arrastada” nas manchetes de sites de notícia. O enquadramento dado ao caso nos leva a questionar a importância de como acontecimentos são levados às mídias, na formação de sentido de uma palavra e o que ela representa, sendo nesse caso influenciada por valores sociais como o racismo e marginalização social. A presente análise teve como eixo teórico o paradigma relacional da comunicação, acontecimento e enquadramento como conceitos operadores.

**Palavras-chave:** comunicação; acontecimento; enquadramento; valores; ciberativismo.

No dia 16 de março de 2014, a auxiliar de limpeza Cláudia Silva Ferreira, de 38 anos, foi baleada durante uma troca de tiros entre policiais cariocas e traficantes e arrastada pelo porta-malas da viatura dos policiais que a socorriam. A Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro informou que Cláudia chegou morta ao hospital, e com vários ferimentos, deixando quatro filhos e um marido.

---

<sup>1</sup> Artigo submetido ao GP Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Intercom Nacional 2015- Rio de Janeiro-RJ

<sup>2</sup> Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social-Publicidade e Propaganda da UFMT, email: [muxfeldtj@gmail.com](mailto:muxfeldtj@gmail.com)

<sup>3</sup> Graduanda do segundo semestre de Comunicação Social pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Email: [nandacortezi@gmail.com](mailto:nandacortezi@gmail.com)

<sup>4</sup> Graduando do segundo semestre de Comunicação Social pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Email: [pedromarquesviana@gmail.com](mailto:pedromarquesviana@gmail.com)

<sup>5</sup> Graduanda do segundo semestre de Comunicação Social pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Email: [thaisa.cristiny@gmail.com](mailto:thaisa.cristiny@gmail.com)

<sup>6</sup> do trabalho. Professor Doutor do Curso de Comunicação Social da UFMT. Email: [ppo@terra.com.br](mailto:ppo@terra.com.br)

A abordagem da mídia em relação ao caso gerou reprovação por parte de ativistas nas redes sociais, denominados ciberativistas. Vários portais de notícias a trataram como "mulher arrastada" e isso foi visto como forma de descaso ao ocorrido.

Segundo Gregory Bateson, todo enquadramento é uma mensagem metacomunicativa, uma interação que permite que o locutor perceba que mensagens estão inclusas e/ou exclusas em determinada situação. Esse conceito é claramente notado em grande parte das reportagens publicadas virtualmente sobre o caso da Cláudia. Antes das manifestações, ela não era tratada pelo nome, e sim como mulher arrastada. Isso resultou num questionamento por parte dos leitores; Porque Cláudia teve sua identidade ignorada? Seria porque ela era negra, pobre e moradora da periferia? Bateson diz que os sujeitos devem estar atentos aos sinais de delimitam ou contextualizam os *enquadres* a fim de fornecer uma resposta adequada à situação presente e melhor corroborar a construção da comunicação em curso.

O artigo desdobra-se em três segmentos. Primeiro explicando o caso da Cláudia Silva Ferreira. Num segundo momento são expostas postagens sobre o caso feitas no portal de notícias G1, na internet, numa ordem cronológica do dia 17 até 22 de março de 2014, mostrando como a abordagem é modificada após alguns protestos virtuais. Em contrapartida são expostas postagens de manifestação nas redes sociais Twitter e Facebook. Por fim, é analisado como se deu a abordagem do caso antes e depois dos protestos nas redes sociais.

### **O caso Cláudia: O valor da carne negra**

Num domingo, 16 de março de 2014, Cláudia ia a padaria buscar pão para os filhos e acabou sendo baleada durante uma troca de tiros entre policiais e traficantes.

Os policiais a “socorreram” e colocaram no porta-malas da viatura para levá-la ao hospital mais próximo, alguns vizinhos e parentes disseram que tentaram impedir que ela fosse levada e chegaram a cercar a viatura, porém os PMs deram dois tiros para o alto e empurraram as pessoas foram afastadas.

A caminho da emergência, o porta-malas abriu e o corpo de Cláudia caiu para fora do veículo, onde ficou pendurada por um pedaço de roupa preso ao para-choque sendo arrastada por 350 metros.

Escolhemos esse tema para abordar a desumanização de Cláudia ao ser tratada apenas como “arrastada”, além da falta de repercussão dada ao caso em relação a outro com algumas similaridade, o caso do João Hélio, ocorrido em 2007 onde um menino de 6 anos foi arrastado preso ao cinto de segurança durante um assalto ao carro da mãe dele. Isso nos gerou diversos questionamentos a respeito da exclusão da identidade dela e a mudança do enquadramento dado pelos web-sites de notícias após a pressão de ciberativistas.

### **Ciberativismo: Por Cláudia como um acontecimento**

Fundamental para a compreensão das análises aqui propostas em relação ao caso Cláudia, se torna necessária uma noção teórica básica em relação a alguns conceitos que embasam o presente artigo.

Dentre esses está a noção de acontecimento, aqui explanada através de conceitos oriundos de discussões de L. Quéré apresentados por Vera França. Muitas vezes, a palavra acontecimento é usada de forma banal, para designar qualquer ocorrência de nossa vida cotidiana. Coisas acontecem o tempo inteiro, tendo algumas delas mais ou menos relevância. São definidas como acontecimento algumas dessas coisas, as que apresentam maior importância no contexto a quais fazem parte, que recebem maior destaque, que apresentam maior singularidade.

Muito presente na história, já que a mesma se constitui da narrativa de momentos importantes, o conceito de acontecimento é também muito significativo no terreno da comunicação e das mídias. O jornalismo, parte da comunicação e presente nas mídias, se desenvolve justamente em torno de acontecimentos, havendo uma hierarquização do que é ou não relevante para ser noticiado.

Sendo assim, ao ser noticiado, o caso Cláudia foi considerado relevante o suficiente a ponto de ser noticiado, uma ocorrência ímpar, afetando a sociedade, comovendo-a.

[...] é importante lembrar que um acontecimento acontece *a alguém*; ele não é independente nem autoexplicativo, não são suas características intrínsecas que fazem o seu destaque, mas o poder que ele tem de afetar um sujeito – uma pessoa, uma coletividade. O acontecimento o é porque interrompe uma rotina, atravessa o já esperado e conhecido, se faz notar por aqueles a quem ele acontece. Uma ocorrência que não nos afeta não se torna um acontecimento no domínio da nossa vida. É simples fato, do qual até podemos tomar conhecimento, mas pelo qual não somos tocados. (FRANÇA, 2012.)

Quando noticiado na internet e outras mídias, o acontecimento é enquadrado, definição que aqui apresentamos por Goffman.

[...] (o quadro) é uma limitada estrutura cognitiva empregada subjetivamente pelo indivíduo a fim de que este possa atribuir significados aos objetos e aos acontecimentos físicos e abstratos que o cercam. Pode-se falar de um ponto de vista particular que delimita as atividades, enquadrando-as no espaço e no tempo enquanto delas se extrai algum sentido plausível que possa ser incorporado à experiência. (HANGAI, 2012)

Ao enquadrar, a narrativa sofre influências de valores e formas de ver o mundo de quem enquadra. Desta forma, os textos jornalísticos não atuam de maneira completamente fiel a realidade, podendo ser abordado de determinada maneira tendenciosa.

[...] Cada texto noticioso, portanto, não pode mais ser verificado como uma unidade do real, mas sim como uma construção simbólica promovida por agentes especializados em sua tentativa de enquadrar a realidade. (HANGAI, 2012)

Da mesma maneira que ocorre quando uma ocorrência é definida acontecimento, o enquadramento sofre influência de valores sociais, o que se tornou notável em nossa análise em relação as manchetes divulgadas ao ser noticiada a ocorrência de nossa personagem, Cláudia. De acordo com Vera França, “[...] a pauta de acontecimentos de uma sociedade – daquelas ocorrências que explodem, congregam, fazem falar – nos fornece o seu retrato. Ela nos diz dessa sociedade naquele momento; do seu conjunto de valores, da maneira como vive, exprime e cobra o cumprimento desses valores.”

Considerando a possibilidade de repercussão que a internet pode gerar, quando Cláudia foi tratada como “mulher arrastada”, houve uma deslegitimação do acontecimento como tal. Conforme Charaudeau, “para que o acontecimento exista é necessário *nomeá-lo*.”

O acontecimento não significa em si. O acontecimento só significa enquanto acontecimento em um discurso.”

Em decorrência disso, ciberativistas de todo o país passaram a protestar nas redes sociais, baseando-se em seu próprio enquadramento do caso, por um tratamento mais justo do ocorrido, sem “*tendencialismos*” ditos racistas ou discriminatórios, pela representatividade da memória de Cláudia com o seu nome exposto nas notícias a seu respeito e pelo tratamento do acontecimento noticiado realmente como um acontecimento. A morte de uma mãe de família, negra, moradora de favela e com nome, Cláudia Silva Ferreira.

Segundo Vera França, na mídia, porém não só nela, existe a possibilidade de um acontecimento repercutir, ganhar existência simbólica, se transformar em discurso, o que é chamado de segunda vida do acontecimento, ponto atingido pelo caso Cláudia devido a comoção explicitada nas redes sociais pelos ativistas, tendo a segunda vida atuado de maneira transformadora na abordagem do caso.

[...]às vezes essa segunda vida é tão transformadora, e causa tanto impacto, que ela atua igualmente (e novamente) como acontecimento existencial – este, por sua vez, será comentado, e se transformará, de novo, numa segunda vida, numa espiral crescente. (FRANÇA, 2012)

### **Procedimentos metodológicos**

O estudo tem por base o enquadramento dado pela mídia e nas redes sociais no caso Cláudia, e como foi a reverberação do público diante do acontecimento. A mídia selecionada para tratar do assunto foi a internet e seu veículo de comunicação o portal de notícias da Globo G1 Rio. Optamos pela escolha do site do G1 por ele ser um dos mais lidos e por cobrir todo o processo do caso. Foram selecionados recortes das notícias divulgadas no período de uma semana do acontecimento, do dia 17 de março ao dia 23 de março, manchetes que se referiam a Cláudia Silva Ferreira como “mulher arrastada”. E as redes utilizadas para análise da repercussão do público serão o Facebook e o Twitter.

Para tratarmos a respeito do enquadramento da mídia e das redes sociais no caso da Cláudia, precisamos de uma noção de enquadramento, como as mídias utilizam as palavras, o modo como descrevem o evento, o seu recorte da notícia destacando alguns aspectos e

dando menos importância a outros. Os elementos usados para a construção do discurso, sua moldura na opinião pública levando a uma percepção e representação dessa realidade. Utilizaremos os conceitos de Goffman apresentados por Ricardo Mendonça e Paula Simões, tratando do enquadramento de notícias. Essa introdução nos ajudará no processo de análise do trabalho em questão.

Quando um indivíduo se insere em uma situação, é preciso compreender qual é o quadro que a conforma e, conseqüentemente, qual o posicionamento que deve adotar perante ele. (MENDONÇA E SIMÕES, 2012, p. 189)

Goffman vai tratar do enquadramento em seus sistemas sociais nas interações cotidianas que refletem nas experiências dos sujeitos no mundo, como forma de resposta ao que está acontecendo no momento. Esses acontecimentos são compreendidos por quadros que são estruturas simbólicas que vinculam atores sociais e são por eles transformadas. E muitas vezes pode haver sobreposição de quadros quando há diferentes acontecimentos ocorrendo ao mesmo tempo. A partir do fato ele constrói os quadros primários que podem ser construídos e modificados social e contextualmente.

Os quadros primários são entendidos por Goffman como aqueles cuja aplicação é mais imediata e direta em uma cultura. Eles permitem ao usuário "situar, perceber, identificar e rotular um número quase infinito de ocorrências concretas definidas em seus termos" (GOFFMAN, 1986 apud MENDONÇA e SIMÕES, 2012, p. 190).

Temos por enquadramentos noticiosos aqueles que são construídos por jornalistas e visam o ângulo das notícias, esses discursos midiáticos vêm adquirindo grande visibilidade em seus quadros. Como acontece no caso Cláudia que a mídia apresentou Cláudia Silva Ferreira em suas manchetes como “mulher arrastada”, inviabilizando seu nome, sua identidade. Tal enquadramento gerou desconforto e indignação ao público criando uma comoção nas redes sociais por parte dos ativistas que levantaram a questão “Ser negra e pobre exclui o direito de um nome?”. Partindo do ponto da construção cultural e o modo de como os discursos enquadram o mundo, podemos fazer uma ponte com autor Robert Ertman que explica:

Enquadrar é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e ressaltá-los em um texto comunicativo, promovendo uma definição particular de um problema, uma interpretação causal, uma avaliação moral e/ou um tratamento recomendado. (ENTMAN, 1993 apud MENDONÇA e SIMÕES, 2012, p. 193)

Se enquadrar orienta a percepção da realidade e as ações do sujeito sobre ela, deduzimos que está implícito uma legitimação da exclusão social ao usar a palavra “arrastada” para indicar a vítima nas manchetes recortadas do portal do G1.

Na tentativa de ser imparcial a mídia ao optar pela escolha do termo *arrastada* para retratar sobre o caso, acaba por contribuir na desvalorização da pessoa como cidadã, abrindo portas para o preconceito, estereótipo e injustiça. Esse processo comunicativo do discurso remete a uma memória social e de senso comum, de que por ser pobre Cláudia tenha sido tratada com descaso pelos policiais, e o estereótipo do negro inferiorizado socialmente só reforçou o descaso e a falta de respeito da mídia.

### Figura 1. Portal de notícias G1.

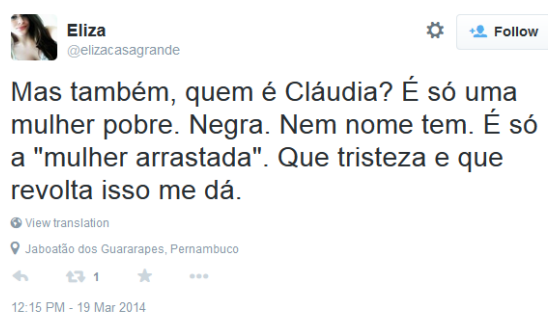
17/03/2014 12h18 - Atualizado em 17/03/2014 13h20

## 'Trataram como bicho', diz marido de mulher *arrastada* em carro da PM

A maneira como Cláudia foi retratada nas manchetes já mencionadas aqui, causou indignação e repúdio. A escolha “mulher *arrastada*” para se referir à ela, deixou usuários das redes sociais Facebook e Twitter enfurecidos, levando a protestos feitos em seus perfis e na maioria dos casos, como veremos nas imagens a seguir, a indagação: A “mulher *arrastada*” não tem nome?

O fato de não ser utilizado o nome de Cláudia nas notícias relacionadas à sua morte e ao o que aconteceu com ela, fez com que a imprensa se tornasse o maior alvo de indignação dos ciberativistas. A invisibilidade de sua identidade diante das manchetes noticiadas causou furor e cobranças dos revoltosos, que viam isso como maneira de desumanizar Cláudia, ou menosprezar o ocorrido.

### Figura 2. Twitter.



Na imagem 2, podemos notar que a interlocutora aponta o racismo como principal culpado da invisibilidade de

Cláudia, utilizando a ironia para dizer que a população negra é menosprezada e excluída socialmente.

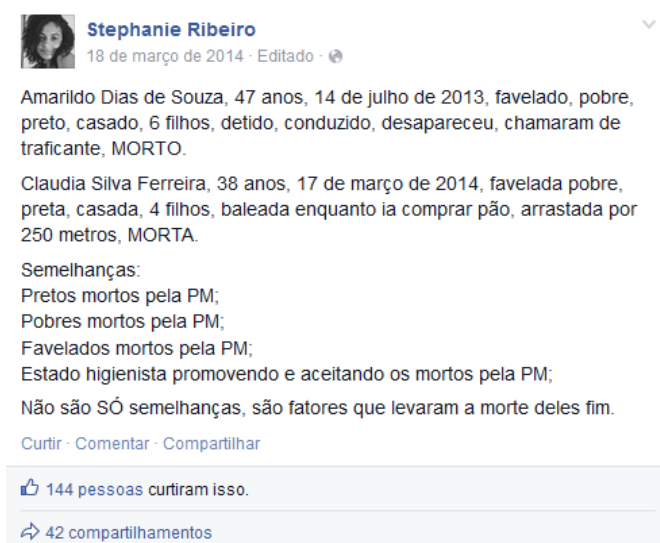
Os ciberativistas também apontaram racismo da mídia ao chamar Cláudia como “mulher arrastada”, alegando que tal fato só ocorre por ela ser negra e pobre, e que se branca fosse, e/ou moradora de bairro nobre, seria tratada de outra maneira.

Ao levantar questionamentos sobre a forma de tratamento dada à Cláudia pelos jornais, alguns ciberativistas compararam esse caso com o do menino João Hélio, morto em fevereiro de 2007. A comparação foi feita tanto pelas similaridades quanto pelas diferenças existentes: ambos foram arrastados pelas ruas do Rio de Janeiro, porém foram tratados de maneiras diferentes nos noticiários. Enquanto Cláudia tinha sua identidade negada e era tratada por "mulher arrastada", João Hélio teve seu caso reconhecido por seu nome.

O fato de Cláudia ser mulher, negra, moradora de periferia e ter sua identidade invisibilizada, foi vista como a marginalização da população negra ainda em vigência, como racismo velado.

A revolta dos ciberativistas não se limitou ao tratamento dado pela mídia, a falta de preparo demonstrada pela polícia militar também foi alvo de críticas.

### Figura 3. Facebook.



### Figura 4. Facebook.

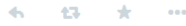




Thito.  
@kubrickinho



se Cláudia da Silva não tivesse sido arrastada, morta e o caso registrado, iria entrar para estatística, causa mortis: auto de resistência.



8:57 AM - 20 Mar 2014

Acusa a polícia militar de abuso de autoridade e de racismo, alegando a “higienização” da cidade, afirma haver uma pré-disposição do órgão público em assassinar pessoas negras.

Na imagem 4 o ciberativista alega que, não fosse o vídeo de Cláudia sendo arrastada pelas ruas do Rio de Janeiro ter percorrido a internet, sua morte não seria noticiada, muito menos repercutida. Quando diz “iria entrar para estatística, causa mortis: auto de resistência<sup>1</sup>”, o ciberativista protesta contra a violência abusiva da polícia militar e a falta de investigação em casos onde envolvem policiais em confronto com a população.

Foi criada no facebook a campanha “100 vezes Cláudia”, pela página Think Olga. A campanha era um protesto e seu objetivo era legitimar a identidade de Cláudia, uma vez negada pelas manchetes. Diversos artistas foram convidados pela página para participar da campanha, enquanto outros apenas mandaram suas obras a fim do mesmo objetivo.

A pressão dos ciberativistas estabelecida através das redes sociais Facebook e Twitter, fez com que a forma de tratamento dada à Cláudia pela mídia, nesse caso o portal de notícias G1, mudasse. A “mulher arrastada”, como antes fora nomeada passou, após os apelos e críticas, a ser chamada por seu nome: Cláudia Silva Ferreira.

### **Figura 5. Portal de notícias G1.**

22/03/2014 05h40 - Atualizado em 22/03/2014 10h46

## **Filhos de Cláudia Silva, arrastada por PMs, passam 1º aniversário sem mãe**

## Considerações finais

Analisar os discursos feitos pela mídia e, em contrapartida, pelos ciberativistas é um desafio para o pesquisador, visto que dentro deles (dos discursos) há uma gama de valores subentendidos provenientes dos interlocutores, cabe aqui dizer também que o próprio pesquisador leva consigo seus conceitos pré-formulados, e a análise exige então, para ser imparcial diante dos fatos estudados, que ele se livre ou pelo menos os esqueça enquanto explora os dados pesquisados, daí a importância da escolha da visada teórica e dos conceitos operadores.

Ao designar o termo “arrastada” para retratar o caso de Cláudia, o portal de notícias abriu uma brecha para diversas interpretações. Ainda que não tivesse a intenção, diante de uma gama de diferentes realidades vividas socialmente e economicamente no Brasil, as manchetes veiculadas foram vistas como racistas, pejorativas, de maneira a menosprezar a vítima por ela ser negra, pobre e moradora de bairro periférico. Isso ocorreu também pelo fato de não ter acontecido o mesmo equívoco ao tratar de um crime semelhante ao de Cláudia, o de João Hélio, em 2007.

Ilustramos aqui algumas manchetes descrevendo o acontecimento e a repercussão delas em perfis de ciberativistas. A análise feita neste artigo mostra a força das redes sociais, cada vez mais presentes em nosso cotidiano. O ativismo feito através delas, seja com indagações, com críticas ao estado, à polícia, à mídia, ou de forma didática, não apenas conscientizou os demais usuários como também teve impacto no modo como o caso foi reproduzido. Após a pressão realizada pelos ciberativistas o nome de Cláudia, que antes não tinha sido utilizado, passou a integrar as manchetes que noticiavam o acontecido.

## Referências

- ALMEIDA, R e FRANÇA, V. **O acontecimento e seus públicos: Um estudo de caso.** Contemporanea, vol. 6, nº 2. Dez.2008 .
- FRANÇA, V. **O acontecimento e a mídia.** *Galaxia* (São Paulo, *Online*), n. 24, p. 10-21, dez. 2012.
- HANGAR, L. A. **A Framing Analysis de Goffman e sua aplicação nos estudos em Comunicação**1. In: Ação Midiática. Revista do Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura da Universidade Federal do Paraná, vol 2, nº 1. Ano 2012.
- MENDONÇA, R. F. e SIMÕES, P. G. **ENQUADRAMENTO Diferentes operacionalizações analíticas de um conceito.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol 27, nº 79. São Paulo, junho 2012.

PORTAL G1. “**Figura 1**”. **'Trataram como bicho', diz marido de mulher arrastada em carro da PM.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/trataram-como-bicho-diz-marido-de-mulher-arrastada-em-carro-da-pm.html>> Acesso em 17 jan. 2015.

TWITTER. “**Figura 2**.”. Disponível em: <<https://twitter.com/elizacasagrande/status/446303998992060416>> Acesso em 20 dez. 2014.

FACEBOOK. “**Figura 3**”. Disponível em: <<https://www.facebook.com/stephanie.ribeiro.93/posts/598737370219760?pnref=story>> Acesso em 20 dez. 2014.

TWITTER. “**Figura 4**”. Disponível em: <<https://twitter.com/kubrickinho/status/446616392100761600>> Acesso em 20 dez. 2014.

PORTAL G1. “**Figura 5**”. **Filhos de Claudia Silva, arrastada por PMs, passam 1º aniversário sem mãe.** Disponível em: <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2014/03/filhos-de-mulher-arrastada-por-pms-passam-1-aniversario-sem-mae.html>> Acesso em 17 jan. 2015.